IMAGENS, DOCÊNCIA E IDENTIDADE

Maria Cecília Lorea Leite – UFPel – mclleite@gmail.com
Álvaro Moreira Hypolito – UFPel – alvaro.hypolito@gmail.com
Rochele Loguercio – UFRGS – rochele_loguercio@yahoo.com.br

Introdução

Este estudo apresenta os resultados de um exercício sobre imagens da docência, realizado em uma universidade pública do sul do Brasil, no ano de 2006, com três grupos de estudantes de três diferentes cursos universitários para formação docente.

Como proposta de três disciplinas, duas de graduação e uma de especialização, cada uma sob responsabilidade de um dos autores, os estudantes, em sala de aula na instituição universitária, foram convidados a desenhar imagens da docência, acompanhadas ou não de alguma descrição. Num momento aula seguinte, após processo de digitalização, as imagens foram apresentadas e debatidas coletivamente em sala de aula.

Consideramos que ao propor este exercício aos nossos estudantes poderíamos estar próximos, através de seus desenhos, do que vem a ser o imaginário da sociedade sobre o professor, pois este imaginário é em parte expressão da experiência vivida como estudantes, em parte influência da mídia (cinema, literatura, imagens, etc.) e em parte construção histórica e cultural da docência.

No primeiro curso, os cinquenta alunos estavam iniciando a formação docente para a escola elementar. No segundo curso, doze alunos estavam iniciando formação para Licenciatura em áreas científicas e dezoito encontravam-se em etapa mais avançada de formação, cursando o Estágio Supervisionado de Química, Física e Biologia. No terceiro curso, estão presentes trinta e um alunos do segundo semestre de um curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação, provenientes de diferentes áreas da graduação, em busca de formação continuada. Uma parte significativa destes estudantes encontrava-se em exercício do magistério ou atuando em outros campos profissionais. No caso específico deste grupo, suas imagens

refletem, ainda, suas experiências na passagem pela universidade, como alunos de graduação e de pós-graduação e como profissionais na sociedade.

Evidentemente, as imagens que são objeto desta investigação são complexas e é preciso reconhecer que estas, tal como afirma Fischman (2005, p.19) em estudo similar, não se constituem em uma única instância. Há "múltiplos níveis de reconstrução discursiva" e conflitos intervindo, o que, como indicam Weber e Mitchell (1996), pode se expressar por intermédio das roupas, do gênero e dos modelos de ensino.

Fischman (2005) focaliza as dinâmicas de gênero na formação docente, relacionando-a com as imagens e a imaginação pedagógica de futuros docentes. Sua teorização mostrou-se bastante produtiva para nosso estudo, especialmente pela articulação de sua temática aos sentidos atribuídos aos conceitos de "vocação" e "autoridade".

Assim, o autor identifica aspecto de dualidade no *ser professor/a,* envolvendo conotações para além do profissional, um sentido mais amplo do que ter competência na área de artes e ciências da Educação. Reporta-se à condição de resposta a um chamado vocacional, envolvendo "a transmissão de conhecimentos e de valores coletivos da nação", o desempenho de uma missão considerada quase sagrada (FISCHMAN, 2005, p.7).

Para fins deste estudo, exploraremos algumas das imagens construídas pelos/as estudantes que julgamos representativas das principais perspectivas apresentadas.

Nosso intuito, na criação desses espaços de reflexão e crítica desde a sala de aula universitária, é o de analisar os elementos mais significativos das imagens que os alunos e a sociedade fazem da docência e como esta análise pode contribuir para a produção do cotidiano de nossos cursos de formação docente, bem como para uma reflexão acerca de como essas imagens realimentam e reconstroem identidades docentes.

A construção das imagens docentes a partir do cinema, da literatura e de desenhos

Podemos falar de uma *pedagogia da mídia* na contemporaneidade ou talvez seja mais efetivo falar de representação, entendendo como em Silva (2001) que "a análise cultural, está centrada nos aspectos de construção e de produção das práticas de significação", a "imagem reflete a realidade" e que a "representação 'é' a realidade. (Isto é: a realidade que importa)".

Em nossa análise sobre as imagens consideramos representações sobre professor numa perspectiva hollywoodiana, exatamente por se entender que tais produções cinematográficas estão bastante disponíveis para os sujeitos que participaram deste trabalho. Serve como referente para essa incursão o texto de Mary Dalton (1996), principalmente no que concerne ao seu entendimento de promoção de uma representação docente em que se mantém a estrutura do sistema de ensino e o professor aparece como uma figura solitária com o que se pode chamar de comportamento *outsider*.

Do trabalho de Dalton é importante considerar a política de formação do *outsider*, sempre representados como "bons professores", agentes de mudanças e heróicas personagens presentes num cenário de anarquia e caos escolar, cenário estruturado e sobre o qual o professor isolado em sua ética pouco ou nada interfere. De acordo com Dalton (1996), o professor de Hollywood deve sensibilizar o público em geral, mas manter o status quo, interferindo pouco ou nada nas práticas curriculares, nas políticas de governo e na definição dos objetos de ensino e sua relevância para os estudantes em seu contexto.

Quem é o professor representado no cinema hollywoodiano? Para Dalton ele possui algumas características marcantes e relevantes para o nosso trabalho. A primeira delas é a relação pessoal com os/as estudantes. Os "bons" professores de Hollywood têm uma vida pessoal (ou não têm uma vida pessoal) que lhes permite se aproximar intensamente dos estudantes de forma individual. Sydnei Portier em *Ao Mestre com Carinho*, é um exemplo deste mito/emblema. Está em um momento de sua vida em que é mais importante resgatar a auto-estima dos estudantes e dar-lhes condições de sair de uma estrutura social que não lhes permite ser

diferente[1], do que construir para si uma vida própria na qual a docência seja somente um fragmento. Este mito remete a um professor que pode ser sério e exigente, divertido e próximo da faixa etária estudantil, licenciado ou não, mas sempre um professor vocacionado, cuidador, dedicado e solitário. Sua vida como sua obra.

Pode-se entender, portanto, que o cinema traz novas materialidades para um discurso persistente, o do fazer docente como ato vocacionado. A vocação pode ser percebida em todos os grupos de estudantes que pesquisamos, embora não esteja associada unicamente à construção de um imaginário docente veiculado pela mídia hollywoodiana. A vocação, como representação, pode estar associada a outros discursos do imaginário social, inclusive aqueles vinculados às origens da docência como atividade controlada por princípios religiosos de resignação, dedicação e profissão de fé.

Outra característica reconhecida por Dalton (1996) nos filmes hollywoodianos tem relação com os modelos de ensino. Nesses modelos as personagens incorporam características pessoais em suas práticas docentes e introduzem uma estética na sala de aula, incluindo desde novos materiais didáticos até posturas e atitudes singulares (roupas, linguagens, humor). Nesse lugar raramente os velhos textos se apresentam como válidos e quando assim se mostram recebem outro tratamento, como Robin Willians, no clássico *Sociedade dos Poetas Mortos.*

Em nossa mostra aparecem também tais marcações. As imagens transitam tanto por formas tradicionais como formas específicas de ensino, associadas ou não a novas roupagens. Alguns desenhos. nesse sentido, representam o professor trabalhando com a realidade dos alunos e enfatizam formas interdisciplinar,

O texto de Dalton transita, ainda, por outros aspectos importantes da estética e da ética hollywoodiana, em termos do que pode ser considerado

---

[1] Seja essa diferença considerada como ascensão social, construção de uma carreira, ou escolhas específicas.

um "bom" professor. Contudo, para nosso trabalho, parece interessante o exame de outros textos que tratam da docência e relações gêneros.

Como diz Rosa Hessel da Silveira,

> apenas nos últimos quinze anos, pode-se dizer, que a docência, encarada como uma atividade ocupacional entre outras, mergulhada num cotidiano e marcada por contingências e circunstâncias sociais e culturais, passou a ser escrutinada, assim como as representações que dela se fazem em distintos artefatos culturais e tipos de textos: textos legais, histórias da literatura infanto-juvenil, filmes, revistas pedagógicas, peças publicitárias, cartuns, etc. Sem dúvida, a expansão dos estudos de gênero contribuiu para esse novo interesse, na medida em que se perscrutaram as estreitas ligações entre características tradicionalmente tidas como femininas e um 'ideal' de identidade docente.

Nesta passagem percebe-se que "características tradicionalmente tidas como femininas" constituem não só a representação de professoras como a própria representação da docência, na qual "as professoras, mas também os professores homens, amam os seus alunos, e é através da concretização desse afeto em gestos concretos que se efetua a redenção desses últimos. A imagem do professor missionário ("Que missão é essa que espalha o conhecimento, propaga o saber e gera idéias!*"),* que cumpre uma 'missão do amor', (...) comparável à missão religiosa pela ênfase ao amor*"* (p. 3 e 4).

Nessa mesma perspectiva de imagem sacerdotal, Liliana Ferreira apresenta um pouco da história da construção da infância junto à profissionalização docente e destaca que no "período inicial da educação brasileira, o colonial, tinha um modelo de professor bem característico: o padre jesuíta*".* Nas demandas sociais que se seguiram a esse período, abriu-se espaço para uma nova personagem que, de acordo com Hypolito (1997), constrói-se através da similaridade entre ser mãe e professora um

lugar de reconhecimento social para a mulher. Guacira Louro mostra que "*assim constrói-se a relação magistério-domesticidade, ou seja, entende-se que o magistério é o mais adequado para a mulher, por exigir o cuidado de crianças; ser professora é, de certa forma, uma extensão do papel de mãe*" (1997, p.35).

Nas imagens produzidas por nossos estudantes, percebemos uma representação do professor e da professora centrada na vocação, no sacerdócio, no gênero, no convencional e nos métodos tradicionais, embora com características próprias do curso de origem dos sujeitos da pesquisa, já que a docência das áreas científicas está marcada não somente pelas representações de professor/a, mas também pelas representações de cientista. No imaginário de senso comum presente nos desenhos, o cientista é reconhecido pelo masculino, assim como freqüentemente acontece com o professor da área científica. Algumas imagens espelham os próprios autores ou os seus professores preferidos. A imagem da mulher não se restringe ao tradicional imaginário do feminino na docência. Em alguns casos, à imagem da professora se sobrepõe a do cientista.

O cientista – entre a docência e a ciência

No grupo de estudantes que cursavam estágio supervisionado nas áreas científicas (química, física e biologia) as imagens docentes representadas marcam os entendimentos de modelos de ensino, em sua maioria evidenciando a necessidade de experimentação para o ensino de química e de saídas de campo para o ensino de biologia.

Esta representação do ensino de ciência tem relação com os discursos produzidos sobre a educação em ciências na década de 70, no Brasil. A experimentação e o que hoje se conhece como técnica da redescoberta produziram um modelo de ensino de ciências centrado nos laboratórios (Loguercio, 2004).

Outras características das imagens de cientista presentes na amostra nos remetem à figura estereotipada de Einstein, no sentido de cientista genial totalmente voltado para a ciência e pouco preocupado com a aparência e as coisas mundanas. Nessa direção, a pesquisa de Giordan

(2002, p.14) mostra que "em todas as representações, observa-se um cientista do sexo masculino, solitário e interagindo somente com seu mundo. Nas únicas cenas em que se representam outras pessoas, elas são vistas como objetos".

Junto a essas imagens podemos perceber também que o professor de ciências transita entre dois ambientes: um deles a pesquisa que aparece associada à imagem da ciência como lugar de questionamentos sobre o mundo, lugar de descoberta; outro, a sala de aula, lugar de respostas, onde os professores transmitem os conhecimentos produzidos alhures. Raras são as imagens em que os docentes estão construindo o saber em sala de aula, quando isso acontece estas remetem à investigação do cotidiano dos estudantes.

A imagem docente associada às representações hollywoodianas pode ser percebida por desenhos que mostram os professores em posições informais na sala de aula, como uma professora sentada à mesa, outra num ambiente fora da escola e um professor dando aula com um copo de cerveja. Os/as estudantes, ao se expressarem dessa forma, o fazem não apenas porque existem docentes com essa postura que eles admiram, mas por discursos que se entrecruzam, como o do professor amigo, do professor jovem, do professor preocupado com a formação do cidadão.

A imagem da docência é marcada pelo discurso vocacional. Isso também aparece quando referido às disciplinas científicas, traduzido pela relação pessoal de amor, de empenho e de dedicação dos professores pelos seus alunos. Esse discurso está presente no imaginário social, na mídia, na literatura, no cinema e na escola.

Algumas imagens evidenciam mudanças na postura de professores com relação aos professores tradicionais, no entanto não se observam indícios de modificações quanto ao conteúdo clássico das disciplinas, seja química, física ou biologia, cujas representações imagéticas tendem a apresentar seus conteúdos disciplinares de forma não problematizada.

Algumas Imagens que representam/constituem o imaginário sobre o professor para além das diferenças entre os lugares dos sujeitos da pesquisa

O tema da identidade docente é freqüentemente tratado como algo não problemático e as imagens e representações mais aceitas são naturalizadas. Esta é uma visão estática que despersonaliza a docência e mantém sobre sua imagem uma visão perene, imutável, sempre associada à vocação e acima das mudanças (Weber and Mitchell,1996.). Assim, torna-se bastante aceitável que o magistério sempre tenha buscado se afastar dessas formas estereotipadas e metafóricas sobre o ensino e o profissional do ensino. Surpreende que a maioria das imagens construídas pelos estudantes dos cursos de formação docente estejam assentadas nessas metáforas tradicionais, o que nos revela quão profundos são esses arquétipos da docência.

Alguns aspectos nas imagens docentes como modelos de ensino, aparência do professor e as problematizações sobre gênero e vocação merecem ser enfatizadas, por sua presença em todos os cursos analisados.

O mais impressionante em termos de modelo de ensino é que, na grande maioria dos desenhos, o retrato mais comum e típico dos professores é o que apresenta uma professora mulher, branca, em frente a um quadro-negro ou a uma escrivaninha transmitindo algum conteúdo. Isso confirma o que é mostrado no estudo de Weber e Mitchell (1996, p.112)), quando concluem que "estes estereótipos tradicionais continuam fortemente incorporados nas crianças de hoje (algumas das quais são os docentes de amanhã) e nos docentes de hoje (todos que foram as crianças de ontem), a despeito do mito comum de que os métodos de ensino nos dias atuais são radicalmente diferentes."

Britzman (apud Weber, 1996) relaciona identidade profissional e esses estereótipos, mostrando que o professorado cai na armadilha das imagens, ao assumir que significados socialmente construídos se transformem em algo considerado inato e natural, essencialista.

Todavia, alguns desenhos representam nitidamente uma tentativa de incorporar discursos críticos e desacomodados, buscando imagens que

contestem os modelos tradicionais de ensino e indiquem modos e práticas mais democráticas e inovadoras de ensinar, de relacionamento professor-aluno e de organização do espaço da sala de aula.

No mesmo sentido, quando os estudantes desenham com mais detalhes a aparência dos professores, suas imagens oscilam, principalmente, entre dois tipos de caracterização de modos de vestir, um professor com vestimentas mais casuais e contemporâneas e um que remete à docentes mais tradicionais.

Muitos desenhos mostram docentes bem vestidos e com aparência impecável, demonstrando que os estudantes consideram este um valor importante para a função de ensinar. Sabemos que as escolhas em termos de roupas e enfeites são significativas para as identidades e podem revelar aspectos importantes em termos de status, poder, pertencimento a determinados grupos ou classes sociais.[2]

Muitas docentes foram representadas como professoras tradicionais típicas, cabelos presos, óculos e roupas bem comportadas usadas na primeira metade do século XIX. Professores das áreas do ensino em ciências são apresentados com roupas de laboratório ou próprias dessas profissões, chamando a atenção para e reforçando um campo científico, ao mesmo tempo que define um padrão de comportamento e apresentação física.

Há uma produção relevante de trabalhos que debatem a relação entre vocação e gênero no magistério, principalmente no sentido de que o professorado passou por um processo de feminização e que as funções sagradas e maternais da profissão, associadas à vocação, corroboraram com a consolidação das características profissionais atuais (Hypolito, 1997).

Na maior parte dos desenhos os docentes são representados como mulheres e raramente são representados como homens, quando isso acontece se referem ao ensino de disciplinas científicas.

As docentes não somente representadas como mulheres, mas como certo tipo de mulheres, freqüentemente vestidas como "tia", solteirona, dedicada e impessoal. São imagens muitas vezes que buscam o passado e a

---

[2] Ver "O Casaco de Marx" para uma discussão mais detalhada do tema.

tradição. A vocação é vastamente representada. Muitas metáforas tentam representar essa dádiva da profissão, através de corações, velas, flores, árvores, jardins, etc., trazendo sempre a idéia de benevolência, caridade, resignação, amor, e assim por diante. Estamos diante de uma representação quase religiosa da profissão.

Fischman, (2005, p. 8), observa diferenças no caso de professoras e professores. Estes últimos têm sua sexualidade potencializada e a masculinidade relacionada à disciplina e à ordem. As professoras, no entanto, seguidamente são "infantilizadas", relacionadas ao âmbito doméstico, e, ainda, assexualizadas. Uma série de características são identificadas na relação estreita com as dinâmicas de gênero, bem como seus reflexos nas formas de organizar a carreira docente de homens e mulheres. Assim, diferentes modos de identificar os docentes, de forma que os homens, apesar de em número significativamente menor nos quadros do magistério, são seguidamente chamados a assumir funções de liderança e autoridade na carreira. Das mulheres, por outro lado, é esperado carinho e afeto. Tais manifestações constituem-se não só expressão dos regimes de gênero na sociedade, mas também mostram a existência de outros processos relacionados com a formação e o status profissional e social dos docentes.

Algumas considerações finais

O estudo que desenvolvemos com estudantes universitários em diferentes momentos e cursos de formação docente nos mostrou que algumas marcas históricas e midiatizadas da imagem docente se mantêm atuais.

Vimos que os estudantes ao desenharem as figuras dos docentes se remetem a um professor vocacionado e cuidador, marcado pelo feminino da docência, construído no imaginário social e re-atualizado em diferentes discursos e materialidades, constituindo uma rede discursiva pouco desestabilizada pela formação universitária.

Os modelos de ensino como vimos nas imagens, trazem algumas das discussões elaboradas na cena pedagógica, mas mantém, em sua maioria

uma imagem de espaços escolares não problematizados, como vimos pela persistência da sala de aula e seu quadro negro e/ou mesa da professora.

Da mesma forma, permanece a relação com a aparência do professor, valorizada nas figuras, que oscilam entre imagens de docentes com vestimentas despojadas e as clássicas marcações de professoras com roupas que remetem a postura de uma professora de tempos passados.

Parece-nos inegável que esse ainda é um assunto para debates, como explicita Weber (1996), ainda é importante problematizar a imagem do professor, pois essa imagem continua marcando identidades docentes que se remetem mais à vocação e à doação e, desta forma, fere a profissão docente. Cabe mantermos em evidência esse debate e trazermos para as problematizações sobre a educação as questões de gênero, vocação e modelos de ensino.

Bibliografia

DALTON, Mary. M. O currículo de Hollywood: quem é o "bom" professor, quem é a "boa" professora? **Educação & Realidade**, v. 21, n.1, p.97-122, jan./jun.1996.

FISCHMAN, Gustavo. Imágenes de la docencia: neoliberalismo, formación docente y género. **Revista Electrónica de Investigação Educativa**. v.7, n.2, 2005. Acessado em 3 de março de 2007.

GIROUX, Henry A. O filme Kids e a política de demonização da juventude. **Educação & Realidade**, v. 21, n.1, p.123-136, jan./jun.1996.

SILVEIRA, Rosa Maria H. Uma adolescente vê o trabalho docente. **Educação & Realidade**, v.19, n.2, p.67-82, jul/dez 1994.

SILVEIRA, Rosa Maria H. Ela ensina com amor e carinho, mas toda infezada, danada da vida: representações de professora na literatura infantil. **Educação & Realidade**, v.22, n.2, p.149-161, jul/dez 1997.

SILVEIRA, Rosa Maria H. Quino e Tonucci vêem a professora: uma análise de quadrinhos. **Educação Unisinos**, v.9, n.3, p.229-236, set/dez 2005.

WEBER, Sandra and MITCHELL, Claudia. Using Drawings to Interrogate Professional Identity and the Popular Culture of Teaching. In: GOODSON, I. and HARGREAVES, A. (ed.) **Teachers' Professional Lives**. London/Washington, DC. : Falmer Press, 1996

SILVEIRA, Rosa Hessel. Reflexões sobre representações de professoras e professores em coletâneas de crônicas e contos - Projeto de Pesquisa denominado Retratos da docência em contos e outras narrativas breves - Universidade Luterana do Brasil. http://www.ufrgs.br/neccso/downloadtextos.html Acesso em maio de 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

HYPOLITO, Álvaro. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. SP: Papirus, 1997 (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

GIORDAN, Marcelo. Visões de Ciência e de Cientista. *Química Nova na Escola*, v. 15, maio de 2002.

LOGUERCIO, r.; DEL PINO, J. e SOUZA, D. Educação em Bioquímica – um programa disciplinar. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, Bauru – SP, v. 3, n. 2. p. 30-44, 2003